



Diálogo entre Análise de Discurso e Análise Narrativa Dialógica Emancipatória

Dialogue between Speech Analysis and Emancipatory Dialogical Narrative Analysis

Valéria Marques de Oliveira¹

Edneusa Lima Silva²

Érica Fernandes Costa Duarte³

Cristina Novikoff⁴

Marcus Vinicius Barbosa⁵

Resumo

Este texto apresenta uma proposta de diálogo entre duas metodologias relacionadas à pesquisa qualitativa, no âmbito da pesquisa narratológica, são elas: Análise de Discurso e Análise Narrativa Dialógica Emancipatória (ANDE). O estudo se deu através de uma revisão narrativa da literatura com o objetivo de destacar os elementos de cada tipo de análise e estabelecer um diálogo entre elas. Foram utilizados como pontos principais: história, teorias base, principais autores, principais conceitos, objetivo de pesquisa, posição do pesquisador, procedimentos básicos. Conclui-se que o pesquisador precisa ter claro a sua intenção de investigação para escolher adequadamente o desenho de seu estudo. Ambas valorizam a subjetividade, com destaque para o aspecto latente da produção simbólica do participante da pesquisa. A ANDE valoriza sobremaneira a subjetividade do pesquisador e observa as influências mútuas na interação.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Análise Narrativa Dialógica Emancipatória. Pesquisa Qualitativa. Pesquisa Narratológica.

Abstract

¹ Doutora em Psicologia (UFRRJ). Docente - Associação Educacional Dom Bosco. valeria.marques@aedb.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4821-123X>

² Doutora em Psicologia (UFRRJ). Docente e Coordenadora do Curso de Psicologia. Faculdade Sul Fluminense. evajom@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6673-76840>

³ Doutora em Literatura Comparada (UERJ). Docente - Associação Educacional Dom Bosco. ericacosta.duarte@aedb.br. Brasil. ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-6877-6110>

⁴ Doutora em Educação (PUC/SP). Discente – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. cristina.novikoff@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4882-2866>

⁵ Mestre em Ciências Ambientais (UNIVASSOURAS). Docente – Universidade de Vassouras. marcus.barbosa1979@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0131-02570>



This text aims to present a proposal for dialogue between two methodologies related to qualitative research, within the scope of narratological research, they are: Speech Analysis and Emancipatory Dialogical Narrative Analysis (ANDE). The study was carried out through a narrative review of the literature with the aim of highlighting the elements of each type of analysis and establishing a dialogue between them. The main points were used: history, basic theories, main authors, main concepts, research objective, researcher's position, basic procedures. It is concluded that the researcher needs to be clear about his research intention to appropriately choose the design of his study. Both value subjectivity, with emphasis on the latent aspect of the research participant's symbolic production. ANDE evokes the researcher's subjectivity and observes mutual influences in the interaction.

Keywords: Speech Analysis, Emancipatory Dialogical Narrative Analysis, Qualitative research, Narratological Research.

A abordagem qualitativa¹ nas Ciências Humanas e Sociais insere-se na pesquisa descritiva, e visa registrar e compreender fenômenos humanos observados através de atribuição de sentido relacionado a uma dada perspectiva e delineada pelo objeto e objetivo da pesquisa. Em consonância com seus pressupostos, não é possível observar objetivamente o mundo, isolando e negligenciando as práticas sociais em curso e o universo simbólico (presente nos sentidos atribuídos). Cabe destacar que pesquisador e participante da pesquisa compartilham a mesma natureza, logo a conexão considera a intersubjetividade, o que por si só já significa não caber a neutralidade (Gergen & Gergen, 2006).

Busca-se, com esta opção hermenêutica² (ciência da interpretação), apresentar possibilidades de leitura (novos sentidos), abstrações do fenômeno, frutos de reflexão e crítica, debate e confrontações, nas quais questões sócio-históricas e culturais atravessam a investigação. Não se intenta explicar o fenômeno e estabelecer relações causais, assim como este não se pauta em verdade geral e/ou final. O que se defende, portanto, é a ideia de que a ciência “é somente uma das maneiras de ver a realidade complexa, nunca a maneira única e final” (Calil & Arruda, 2004, p. 175).

Ao se propor investigar um tema, o pesquisador parte de uma hipótese e se interroga sobre a veracidade dos questionamentos que propôs. Entretanto, uma questão que se faz comum durante a revisão de literatura reside no fato do pesquisador tentar encontrar a(s) resposta(s) que confirmem suas impressões



sobre o objeto de estudo baseado apenas na revisão de literatura. Entretanto, seguindo na mesma direção, entende-se que se sabemos a resposta não há motivo para fazer pesquisa. Os dados que serão obtidos no ato de investigar e depois analisados é que oferecerão ao pesquisador elementos para dialogar com seu objeto de pesquisa. Assim, os dados coletados podem confirmar ou refutar e, em ambos os casos, sempre haverá algo novo que se (re)configurou nos espaços coletivos. Ressalta-se que identificar essa nova composição dependerá da leitura que os dados sofrerão por parte do pesquisador.

A pesquisa no modelo qualitativo tem, em seu pressuposto básico, o reconhecimento das produções textuais (verbais e não verbais) a serem investigadas. Esta perspectiva respeita a produção de subjetividade em diferentes âmbitos, e lida com os elementos que a constituem em maior ou menor grau, de acordo com o objetivo de pesquisa, e sempre relacionado a um dado contexto que a significa.

Em suma, não se trata, portanto, de pensar a partir da distinção entre texto e contexto, mas de compreender a articulação interna entre o discurso e a experiência que o suscita. Trata-se de compreender como o trabalho do pensamento transforma em saber e em ação o não-saber e o não-agir de seu presente (Chauí, 2017, p. 16).

Sobre a aprendizagem escolar do discurso científico, Wartha (2023, p. 14) reforça a premissa “que a aquisição da linguagem pode ser vista como processo de aprendizagem de expressão do significado”. O autor afirma que além da dimensão comunicativa, a linguagem é primordialmente um recurso para construção de significados, assumindo lugar importante na legitimação do conhecimento. Além disso, reitera que os sujeitos leitores e escritores se constituem através de seus discursos, repletos de ideologia, apontando que em um discurso as práticas sociais se materializam por meio linguagem. Além disso, Wartha diferencia a linguagem cotidiana e científica a partir da relação entre contexto, ausência ou presença de seu narrador. Na linguagem cotidiana, o sentido está conectado com o contexto, na presencialidade do narrador. Na linguagem científica, o sentido precisa ser explicitado e negociado, pois está fora de contexto,



e a perspectiva do narrador ocultada. Aprender ciência e divulgá-la é aproximar estas duas linguagens, formar pontes de sentido e resgatar a atividade do narrador.

Sendo assim, seu contexto ultrapassa o espaço escolar e adentra a comunidade. O contexto do discurso surge das vivências e trocas sociais (contexto social), das interações entre os estudantes e o meio onde vive (contexto interacional próximo), e seus diálogos internos (contexto intrapsíquico nos múltiplos “eus”).

Coloca-se em destaque a situação de pesquisa qualitativa narratológica que foca seu estudo na produção textual, ou seja, simbólica (verbais e/ou não verbais), presente na interação. Dentro de uma perspectiva bakhtiniana, segundo Kramer (2003, p. 58), escolher trabalhar com narrativas “[...] significa perceber as pessoas se reconstituindo como sujeitos, reconstituindo nesse processo sua cultura e história, escutando o que não pode ser expresso e levando em consideração o que foi deixado de fora”. A autora complementa seu pensamento quando postula que:

O discurso tem sempre um significado e uma direção que são vivos; as palavras contêm valores e forças ideológicas: aqui se situa a abordagem histórica da linguagem. Por outro lado, a comunicação de significados implica comunidade; sempre nos dirigimos ao outro, e o outro não tem apenas um papel passivo; o interlocutor participa ao atribuir significado à enunciação. Bakhtin entende que a linguagem é social; ela é essencial para a existência humana. De acordo com sua teoria, não é a experiência que organiza a expressão; na verdade, a expressão precede e organiza a experiência, dando-lhe forma e direção” (*Ibidem*, p. 59).

Neste trabalho, destacaremos o aspecto interacional da pesquisa, com foco na atenção dada à produção narrativa decorrente da interação entre pesquisador e participante da pesquisa. Neste encontro, coexistem a produção de tópicos explícitos e implícitos. Denominamos “tópico”, o tema compartilhado cooperativamente (pelo menos parcialmente) e tudo aquilo que a ele se articula ao se presentificar na interação. Podem se expressar de modo consciente e claro, ou de modo pouco ou não intencional (inconsciente) e latente. Não serão abordadas as diferentes formas de coleta de dados e sim, em um recorte mais preciso, duas



propostas que enaltecem o aspecto latente na análise de dados, são elas: Análise de Discurso e Análise Narrativa Dialógica Emancipatória (ANDE).

ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso desponta nos fins dos anos de 1960 como uma alternativa de análise de dados, contrapondo-se à ênfase conteudista. Apresenta o discurso como elemento chave que articula linguagem e sociedade, atravessadas pelo contexto ideológico (Santos; Oliveira & Saad, 2021).

A função da linguagem ultrapassa a comunicação e a sustentação de pensamento, para ser reconhecida e valorizada como interação e construção social. A hermenêutica é aplicada para desvelar o sentido do texto e não o seu conteúdo. Além disso, a mesma investiga o sentido que não é meramente traduzido, trazendo à tona aspectos velados, alcançando, assim, o sentido produzido. Mozzato e Grybovski (2011, p. 738) reafirmam que:

Os textos podem ser considerados tanto uma unidade discursiva como manifestação material do próprio discurso; podem ter grande variedade de formas, ou seja, escritos, palavras, fotos, símbolos, artefatos, entre outros. Os textos só possuem significância, considerando a natureza de sua produção, disseminação e consumo.

Chizzotti (2010) discorre que a Análise de Discurso (AD) assume diferentes formatos, dependendo do referencial teórico preponderante, e aponta que as principais perspectivas são: Estruturalismo, Análise Foucautiana de Discurso, Análise Semiótica de Discurso e Análise Crítica do Discurso. Cada modelo referencia-se por sua base teórica, a fim de satisfazer às necessidades científicas da pesquisa qualitativa, voltando-se para a aderência do tema pesquisado e para o manejo da teoria que o pesquisador executa.

Importante descrever que a linguagem e o discurso são os construtos base e o ponto de partida para abordar a AD, pois definem o campo de interlocução entre o pesquisador, o participante da pesquisa e o objeto de/em investigação. Assim, a linguagem não é concebida apenas como um conjunto de signos que atende e/ou obedece às regras formais determinadas pela língua (Orlandi, 2003).



A linguagem se define como a ferramenta de mediação entre homem e a realidade, que vai se construindo na relação e nas interações humanas. Ela contempla em sua elaboração a forma como o pensamento está estruturado e, com isso, gera uma ação que atribui sentido e significado ao vivido nas inúmeras experiências ao longo da vida, considerando-se as especificidades e unicidade de cada sujeito que as narra.

Enquanto seres construídos social e culturalmente, somos capturados pelos conceitos vigentes quando os utilizamos nas situações cotidianas para estabelecer comunicação e consolidar encontros, na perspectiva interacional organizamos a nossa forma de pensar e agir.

Desse modo, Caregnato e Mutti (2006) dispõem que a AD não pode ser descrita como uma metodologia, pois se caracteriza por deslocar a fala para o campo do discurso, visibilizar a ideologia presente no discurso com destaque para o descentramento do sujeito proposto por Freud ao cunhar o conceito de inconsciente.

A articulação das características proposta pela AD, permite atribuir a linguagem e ao discurso um espaço dinâmico e em constante movimento. Nesse caso, pesquisador e participante da pesquisa convertem-se em uma unidade discursiva constituídos pelo leque multivariado de enunciados que recortaram e nomearam nas etapas de construção identitária - pessoal - frente ao vivido.

Deve-se compreender que na constituição proposta no parágrafo anterior, nenhum dos elementos descritos encontram entre si atribuição causal nem explicação para a forma com que o agrupamento foi realizado, “a não ser o espaço discursivo mesmo e as relações de poder de um dado campo” (Piza & Santan, 2019, p. 49). Acrescentam como esclarecimento que:

[...] isso significa dizer que os discursos não se fundam na existência concreta de um sujeito, e sim, no próprio campo semântico que o instaurou e que depois será usado para validar ou não ontologicamente o que é ou o que não é o objeto de referência. A unidade do objeto, no caso o ‘sujeito’ é, pois, resultado de um jogo de regras também discursivas.

Na AD o texto fica em suspenso para que o sentido seja interpretado enquanto figura do cenário investigado, representado pela produção de cada



enunciado que constrói o objeto a fim de descrever a cena existencial única para/de cada pessoa. Compreende-se que a composição base da AD implica em compreender as relações para que a materialidade discursiva aconteça. De acordo com Orlandi (2003, p.39):

[...] as condições de produção, que constituem os discursos funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de sentidos. Segundo essa noção não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Se no discurso o sujeito se autoriza a narrar-de-si, utilizar a AD para significar os dados coletados, se apresenta como possibilidade de valorizar o vivido, ampliando o campo de protagonismo e produtor de sentido do participante da pesquisa com o tema que é investigado. Assim, a história, os processos e as condições para que a linguagem se produza diz respeito a relação que o falante estabelece com as pessoas com as quais convive e faz contato.

ANÁLISE NARRATIVA DIALÓGICA EMANCIPATÓRIA (ANDE)

A Análise Narrativa Dialógica Emancipatória (ANDE) é uma proposta metodológica brasileira, inovadora e jovem de interpretação de dados qualitativos (Marques, Sartriano & Silva, 2020; Oliveira & Sartriano, 2017) sustentada pela epistemologia não-ordinária calcada no conceito de Olhar Fluido, fruto do diálogo entre a Teoria do Mosaico dos Isomorfos Não-Triviais e a Teoria da Complexidade (Marques, 2005). A inovação está na articulação de conceitos e na proposição que considere o movimento, a dualidade, a recursão, além da subjetividade do próprio pesquisador. A primazia da reflexão de segunda ordem proposta tem forte influência da contribuição metacognitiva no conceito de elaboração dirigida (Seminário 1987, 1988, 2001), assim como do posicionamento crítico



emancipatório da escola freireana (Rambo, 2016) e frankfurtiana (Salgado & Franciscatti, 2014).

Numa visão sistêmica e bioecológica (Bronfenbrenner, 1996), tem a possibilidade de ser inspiração na aplicação voltada à interação entre organismos, respeitando a singularidade de construção da realidade de cada interlocutor. Contudo, dada a amplitude deste artigo, não aprofundaremos as questões filogenéticas e ontogenéticas gerais, e focalizaremos a interação a partir do ser humano. Logo, a valorização da subjetividade humana é potencializada, assim como a dialogia e a emancipação.

A ANDE aplica a definição de narrativa como: “a expressão do ser em interação” (Marques; Satriano; Silva, 2020, p. 8), isto é, todo dado é considerado como negociação de sentido na interação em um dado cronossistema. Sendo assim, o conceito de narrativa ultrapassa a expressão verbal e considera não apenas outras expressões, como também vai para além da função comunicativa da linguagem, para assumir como elemento de construção de realidade.

Para marcar a linha de tempo da evolução teórico-metodológica e configurar três períodos de desenvolvimento da ANDE, utilizaremos como marcadores a criação de Grupos de Pesquisa (GP) no CNPq, todos sob liderança da Profa Valéria Marques de Oliveira: 1º período: avaliação crítica de estudos realizados e caracterização de uma linha de pesquisa para início dos trabalhos – Grupo de pesquisa: Atividades Simbólicas e Desenvolvimento Humano: Foco Nas Pessoas Com Necessidades Especiais e/ou em Risco Social, 2010 a 2016; 2º período: sistematização de estudo e proposta de nova definição sobre narrativa – Grupo de pesquisa Narrativas Emancipatórias De Si e Da Realidade: Foco Nas Pessoas Com Necessidades Especiais e/ou Risco Social, de 2016 ao final de 2019; 3º período: consolidação da proposta – Grupo de pesquisa Aprendizagem e Cultura Organizacional na contemporaneidade: narrativas dialógicas emancipatórias, de 2020 aos dias de hoje. Todos os grupos tiveram a participação da Prof.^a Edneusa Lima Silva.

A ANDE leva a valorização da subjetividade ao máximo, inclusive do próprio pesquisador. A negociação de sentido ocorre na interação entre os interlocutores em um dado contexto sócio espaço-temporal, onde não se desconecta o observado



do seu observador e do cronostempo que os envolve. Calil e Arruda (2004, p. 196) sustentam a intersubjetividade entre pesquisador e participante da pesquisa baseada nas trocas e nas implicações afetivas que: [...] nos fala, ainda, sobre a necessidade de “estudar a relação entre observador com o objeto observado, para ter acesso ao processo que vai desde a observação até o conceituar (Mélega, 1996, p. 236).

Logo, podemos inferir que toda relação entre pesquisador, quer seja com outro ser humano, ou com ser de outra natureza, para ser abstraída, necessita que o processo interacional acionado seja considerado.

A ANDE se articula com diferentes formas de coleta de dados. Todavia, para que a análise seja rica, os instrumentos utilizados precisam considerar a subjetividade do pesquisador e do participante da pesquisa. Para contemplar o aspecto subjetivo, é importante que sejam registrados no diário de campo as informações contextuais que contribuirão na construção do sentido.

Além das narrativas verbais (orais ou escritas), existem outras formas de expressão interacional. Considerando as imagens como expressões narrativas ricas, destaca-se os argumentos sobre o uso de imagens técnicas na pesquisa. Além disso, aponta-se também esse instrumento como um importante elemento na interação entre o pesquisador e o participante da pesquisa, visto que sua presença pressupõe uma influência nos discursos produzidos.

A Câmara, mesmo que não ocupe um lugar de destaque na arrumação do espaço em que a entrevista se dará, deixa a sua marca explícita, pois supõe absorver, na forma como o discurso se constitui, os impactos que ela causa na subjetividade do pesquisador e dos sujeitos pesquisados (Jobim e Souza, 2003, p.88).

O tratamento dos dados, no tocante à organização, assemelha-se à Análise Temática da Análise de Conteúdo, isto é, trabalha-se com unidades em categorias que se subdividem. A criação do quadro de crivo de análise, ainda no projeto de pesquisa, facilita a visualização de categorias a priori, visto que são apresentados, de modo esquemático a conjectura de relação entre o objetivo e o dado suposto. As informações obtidas na etapa de coleta de dados confirmarão ou não a prévia hipotetizada pelo pesquisador e novas categorias podem ser formadas a posteriori.



Lima, Oliveira e Pessoa (2023) descrevem o procedimento de categorização dos dados. A primeira leitura é rápida e tem como objetivo alcançar a ideia geral da narrativa. A segunda leitura do conjunto de dados tem o objetivo de destacar trechos na narrativa que se relacionem com o objetivo do estudo. A terceira leitura agrupa os dados conforme as características elegidas (macrocategoria, categoria e subcategoria).

DIÁLOGO ENTRE ANÁLISE DE DISCURSO E ANDE

Ao nosso ver, um ponto em comum entre ambas propostas de análise de dados é o atravessamento do método clínico no posicionamento do pesquisador e/ou nos procedimentos adotados. Método clínico remete à prática clínica psicológica e não ao olhar patologizante e seus procedimentos. Utilizamos o sentido do verbete “clínico”, como respeitar e olhar a singularidade, numa posição dialógica, compreensivista, dinâmica, crítica, dialógica, flexível e atualizável.

O material produzido no vínculo estabelecido entre o clínico e a pessoa humana, foco de seu conhecimento, é seu objeto de estudo: a comunicação, a interação, os sentimentos, sejam eles de ordem consciente ou inconsciente. O método clínico pressupõe a realização da investigação científica do fenômeno humano por meio da interpretação e da compreensão simbólica, buscando o consenso simbólico pelo exercício da criticidade, dentro da relação clínica (Callil & Arruda, 2004, p.199).

Embora os autores estejam se reportando ao psicólogo clínico enquanto pesquisador, o tipo de vínculo aplicado no método clínico fora do contexto de psicologia é o mesmo. A questão é que o ser humano não é para ser explicado, e sim compreendido, numa relação dialética e dialógica, articulada por observações decorrentes de relações intersubjetivas. Cada ser humano tem a riqueza de sua singularidade, sua originalidade. A psicanálise contribui com seus estudos sobre as relações transferenciais e contratransferenciais (Callil & Arruda, 2004; Marques, 2003), com a conexão entre os métodos ideográfico e nomotético (Campos, 1973), assim como os constructos sobre mecanismos de defesa do eu, e outros processos psíquicos inconscientes.



Campos (1973, p. 116) discorre acerca da opinião de Piaget sobre o uso do método clínico em pesquisa:

Somente o método clínico permite propor problemas, formular hipóteses, fazer várias as condições em jogo, controlar cada uma das hipóteses, pondo-as em contacto com as reações provocadas pela conversa. Assinala Piaget, porém, que o exame clínico também participa da observação direta, pois o bom clínico, ao mesmo tempo que dirige, também se deixa guiar em consideração à totalidade do contexto legal, ao invés de ser vítima de erros sistemáticos, como ocorre com o experimentador puro.

O pesquisador nesta posição se conscientiza do seu movimento de atualização na interação e flexibiliza-se para manter a direção para o alcance de sua meta. Este movimento se presentifica no conceito de Olhar Fluido (Marques, 2005), que se articula com o conceito psicanalítico de Atenção Flutuante. Não é necessário aqui se tender pela objetividade e neutralidade, pois o pesquisador, consciente de seu lugar e posicionamento na interação, interage sem se perder no contato.

Campos (1973 apud Souza & Noriega, 2004, p.225) aponta as características do método clínico:

- o método clínico é essencialmente empírico, ou seja, teoricamente a observação dos dados precede à formulação das hipóteses;
- tende tanto para uma posição idiográfica como nomotética (busca de padrões universais) ou para uma combinação de ambas;
- como método empírico é basicamente indutivo, isto é, parte da observação do fato particular;
- possibilita uma abordagem mais direta e real do fenômeno;
- é frágil em sua sistematização teórica, necessitando frequentemente de uma comprovação posterior por meio do método estatístico.

Um outro ponto em comum em ambas propostas de análise de dados é que o sentido não existe a priori, ele é fruto da interação entre os interlocutores em um dado contexto, além do que, o fenômeno humano é polissêmico, isto é, possui muitos sentidos. O que pode, em um primeiro contato, parecer óbvio, traz em si elementos que o destituem deste lugar, pois como diz o ditado popular “O óbvio



não é óbvio”. Assim, deseja-se destacar a importância do sentido atribuído e do seu processo, como cada um constrói o significado do mundo, que atravessa sua construção da realidade de si e do mundo, e as possíveis influências da interação durante a pesquisa.

A importância dada ao inconsciente, o conteúdo latente e o não dito na AD (Diniz & Pimentel, 2022) também é encontrada na ANDE. Ambas as análises são influenciadas pela psicanálise. Este argumento pode ser constatado em um trecho de um artigo que se propunha a apresentar a ANDE, e ao mesmo tempo diferenciá-la da Análise de Discurso, Análise de Conteúdo e Análise Narrativa, como se observa a seguir:

Aproxima-se da modalidade de análise de discurso, e talvez possa até mesmo ser considerada como um desdobramento de análise de um gênero discursivo, pela atenção dada ao não dito, sem desconsiderar o dito. A modalidade proposta leva ao extremo o valor das produções textuais e não textuais, buscando compreender o processo de construção e negociação de sentidos pesquisador-pesquisado (Marques; Sartriano & Silva, 2020, p. 15).

O diálogo acontece em uma base comum. Quando os interlocutores não compartilham elementos de sentido, a comunicação fica comprometida, o ruído pode ser tão grave que rompe a interação. Cada interlocutor não precisa renunciar a sua matriz operatória de pensamento para interagir com o outro, mas é preciso que haja um campo de interseção, e que tenha respeito à diversidade além de abertura para buscar compreender como o outro se articula no diálogo estabelecido. Fávero (1999, p.38) destaca o aspecto colaborativo, visto que “o sentido é construído durante essa interação e está assentado numa série de fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições, etc.”.

O Quadro 1 abaixo sintetiza pontos de diálogo entre a Análise de Discurso (AD) e Análise Narrativa Dialógica Emancipatória (ANDE):

Quadro 1: Pontos de possível diálogo entre Análise de Discurso e ANDE

Pontos de diálogo	Análise de Discurso	Análise Narrativa Dialógica Emancipatória
-------------------	---------------------	---



Teorias base (principais autores/conceitos)	Francesa estruturalismo Linguística Anglosaxônica Psicologia, Antropologia, Pragmática Etnometodologia Sentido Rejeita neutralidade Linguagem Discurso	–Epistemologia não-ordinária (Maluf) e com a Teoria da Complexidade (Morin) e a Teoria do Mosaico dos Isomorfos –Não-Triviais (Maluf) Dialogicidade e alteridade - Bakhtin Narrativa – Benjamin, Bruner e Olhar fluido – Marques Emancipação – P. Freire, Dussell, Adorno a Teoria Bioecológica – Bronfenbrenner Metacognição - Seminério Percepção – Santaella, M. Ponty Semiótica – Peirce, Uexküll (Biossemiótica) Interação - Biofilia – Wilson e Topofilia – Tuan
Objetivo da pesquisa	Propósitos textuais Explicação-forma (construção do objeto)	Efeito da interação narrativa na construção, posicionamento e ação no mundo, valorizando a subjetividade humana
Posição do pesquisador	Ativa	Ativa e interativa

Fonte: Próprios autores inspirados em Maingueneau (1997) e Marques, Satriano e Silva (2017, 2020) e Marques (2005)

O pesquisador, durante a leitura para interpretação dos dados, poderá guiar-se por categorias previamente delineadas, verificar se estas categorias foram realmente com a encontradas com o conjunto dos dados, ou não. Ele também pode formar novas categorias, advindas de características narrativas relevantes ao atendimento do objetivo de estudo não previstas inicialmente. São os dados em conexão ao objetivo de estudo que indicam a melhor forma de organização, tabulação e interpretação. Ambas as análises têm em comum alguns procedimentos básicos no tratamento dos dados demonstrados no Quadro 2 que influenciarão a decisão do pesquisador:

Quadro 2 – Aspectos observados para a formação de categorias de análise

Encadeamento	O pesquisador poderá encontrar encadeamento linear ou não linear. Quando prepondera o encadeamento lógico, segue-se o modo linear. Pode-se citar a linha de tempo, por exemplo. Quando encadeamento não linear, simbólico, obtém-se um texto mais livre. O que determinará a escolha por um ou outro caminho, é o
---------------------	---

	objetivo e o desenho da pesquisa. Em ambos os casos, a escolha precisa ser coerente e consistente com a proposta.
Sequenciamento	O pesquisador observará no conjunto dos dados coletados, como foi a sequência narrativa produzida. A narrativa seguiu apenas uma temática, de modo muito estruturado, podendo chegar à monotonia? Ou a produção apresentou níveis de tensões temáticas distintas, inclusive com mudanças temáticas com indicadores, quer seja por rupturas (contradições, mal-estar, tensões) e trocas de tema, quer seja por silenciamento. Cada estilo revela características e posicionamento do narrador.
Recursos narrativos	O pesquisador buscará identificar os recursos narrativos utilizados e a conduta do narrador. O narrador utiliza recursos narrativos intencionais para dar ênfase temática, ou é surpreendido por suas produções? As digressões podem ocorrer tais como uma intenção de introduzir um novo tema e desviar o assunto principal (esclarecimento ou subterfúgio), ou é feito de modo livre como uma divagação?
Foco narrativo	O foco narrativo está centrado no participante da pesquisa como narrador, ou ele é “falado” por narrativas de outros, ou atribuída a outros. Esta troca de foco é uma ação consciente ou algo mecânico que aponta uma submissão e apagamento autoral?

Fonte: Elaborados pelos autores, 2023.

Estes são alguns aspectos observados pelo pesquisador que busca captar o movimento, o ritmo, a tensão e a intensidade do vivido no narrado.

Considerações Finais

Este artigo é uma primeira ação na direção de verificar a possibilidade de diálogo entre Análise de Discurso e Análise Narrativa Dialógica Emancipatória. Este primeiro passo é importante por constatar proximidades, sem perda de identidade em cada proposta. A continuidade de estudo é válida, para que se possa aprofundar cada proposta e contribuir para o campo da metodologia de pesquisa que valorizem e reconheçam a negociação de sentido e o posicionamento político ideológico que atravessam os delineamentos investigativos.

A ciência não se resume ao utilitarismo, mas ela precisa estar inserida não apenas na comunidade de cientistas como também na comunidade em geral de



sua época. As instituições de pesquisa tem a responsabilidade social de devolver à sociedade reflexões e produtos que contribuam com a qualidade de vida.

A ciência não pode se fechar em uma redoma e produzir conhecimento para um círculo fechado. As escolhas para qual direção seguir e a quem beneficiar com seu progresso não são neutros, por isto o compromisso ético, e o posicionamento político e ideológico são inseparáveis.

O maior risco nas propostas interpretativas é o viés que pode distorcer os dados e comprometer as negociações de sentido. Considerar o participante da pesquisa como um interlocutor traz uma reconfiguração no seu papel e no papel do próprio pesquisador. O reconhecimento do outro e de sua potencialidade pode emancipar. Este processo tem um preço, não é automático, e demanda o investimento e exercício do pensamento crítico, da autoavaliação, da humildade e da alteridade.

Ambas as escolhas metodológicas são interessantes e são apropriadas a desenhos específicos de pesquisa. O pesquisador é aquele que deve se nutrir sobre o conteúdo a ser investigado e decidir qual a melhor forma de coletar dados e analisá-los para responder à questão elaborada.

Referências

- Bronfenbrenner, U. (1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos planejados*. Artes Médicas.
- Callil, R. C. C. & Arruda, S. L. S. (2004) Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. In Grubits, S. & Noriega (Org.) *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campo de aplicação*. Vetor, p.173-213.
- Campos, D. M. S. (1973) *Introdução à pesquisa em psicologia: aspectos metodológicos*. Vozes, 1973.
- Caregnato, R. C. A. & Mutti, R. (2006) *Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo*. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84.
- Chauí, M. (2017) *Texto e Contexto: A Dupla Lógica Do Discurso Filosófico. Cadernos Espinosanos*. n.37 jul-dez.
- Chizzotti, A. (2010) *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Vozes.



- Dinis, C. P. S. & Pimentel, A. S. G. (2022) Uma proposta metodológica para Análise do Discurso baseada na Hermenêutica de Paul Ricoeur. *Psicologia em Pesquisa*. Volume 16, 2022, e29928.
- Fávero, L. L. (1999) O tópico discursivo. In Pretti, D. (org.) *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos – NURC/SP. Humanitas Publicações FFLCH/USP, p.33- 54.
- Gergen, M. M. & Gergen, K. J. (2006) Investigação qualitativa: tensões e transformações. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- Jobim e Souza, S. (2003) Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In Freitas, M. T. & Jobim e Souza, S. & Kramer, S. (Orgs.) *Ciências Humanas e Pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 77- 94.
- Jobim e Souza, S. (2003). Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In Freitas, S. M. T.; Jobim e Souza, S. & Kramer, S. (org.) *Ciências Humanas e Pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. Cortez, p. 57-76.
- Lima, J. R.; Oliveira, V. M. & Pessoa, Y. S. R. Q. (2022) Empresa Júnior, Seus Desafios e Contribuições Para A Formação Profissional: Autonarrativa de Uma Graduanda de Psicologia. *Revista Valore*, [S.l.], v. 7, p. e-7001, set. 2022.. doi:<https://doi.org/10.22408/rev7020221150e-7001>.
- Maingueneau, D. (1997) *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Pontes.
- Marques, V. A. (2003) contratransferência e a decisão de uma análise: uma reflexão In Assumpção-Seminero, M. L. *Da contratransferência à criação*. Letra Capital, p. 39-44.
- Marques, V. A. (2005) *Ruptura epistemológica e Psicologia: importância do olhar fluido*. Tese. Doutorado em Psicologia.. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Marques, V.; Satriano, C. R. & Silva, E. L. (2020) Análise Narrativa Dialógica Emancipatória em Diálogo com Análise Narrativa, de Conteúdo e de Discurso. *Revista Valore*, [S.l.], v. 5, p. 5-21, jan. 2020. doi: <https://doi.org/10.22408/rev5020203985-21>.
- Minayo, M. C. S. (1996) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec-Abrasco.
- Mozzato, A. R. & Grzybovski, D. (2011) Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *RAC*, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, jul./ago.



- Oliveira, V. O. & Satriano, C. R. (2017) Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*, v. 23, n. 51, p. 369–386, jun-set 2017. <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>.
- Orlandi, E. P. (2003) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Pontes.
- Rambo, R. A. (2016) Emancipação na perspectiva de Paulo Freire. *Revista IBC*, p. 1-9, 2016.
- Salgado, M. & Franciscatti, K. V. S. (2014) A análise dos dados da História Oral: fundamentos para uma Psicologia Crítica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 14 n. 1 p. 304-319
- Santana, I. L. & Piza, S. de O. (2019) Sobre o descentramento do sujeito: transgredindo os limites kantianos. *Cadernos De Ética E Filosofia Política*, 2(35), 42-55, <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v2i35p42-55>
- Santos, J. A. & Oliveira, G. S. N. S. (2021) Análise de Discurso: fundamentos e procedimentos. *Cadernos da Fucamp*, vol. 20, nº 43. p. 84-97.
- Souza, A. M. & Matos, E. G. (2004) Reflexões sobre as abordagens qualitativas o método clínico e a entrevista como o encontro no aqui e agora entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado. In Grubits, S. & Noriega (Org.) *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campo de aplicação*. Vetor, p. 215-240.
- Wartha, E. J. (2023) Ciência Como Linguagem: Do Contexto ao Texto e do Texto ao Contexto. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC)*, v. 23, e46123, p. 1–18. 2023.

Autoria:

Valéria Marques de Oliveira

Doutora em Psicologia (UFRJ), Mestre em Educação (UERJ). Psicóloga (UERJ). Pedagoga (Inst. Isabel). Profa Pesquisadora no PPGPSI/UFRRJ. Líder de pesquisa nos Grupos: Equilibrium Rural: Intervenções Transdisciplinares Assistidas por Equinos, e Aprendizagem e Cultura Organizacional: Narrativas Dialógicas Emancipatórias
Instituição: Associação Educacional Dom Bosco E-mail: valeria.marques@aedb.br
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4821-123X>

Edneusa Lima Silva



Doutora em psicologia pela UFRRJ (2023); mestrado em psicologia pela UFRRJ (2014); licenciatura (2004), bacharelado (2005) e graduação em psicologia pela Universidade Estácio de Sá (2006). Especialização em psicologia jurídica pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2012) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2014). Pós- Graduação em Políticas Públicas para a Igualdade na América Latina pela CLACSO -Argentina (2017-2018). Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Sul Fluminense. Realiza pesquisa em percepção ambiental, desenvolvimento humano e educação inclusiva, utilizando a narrativa como metodologia de pesquisa e instrumento de coleta de dados. Instituição: Faculdade Sul Fluminense E-mail: evajom@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6673-7684>

Érica Fernandes Costa Duarte

Doutora em Literatura Comparada (UERJ), com pós-doutorado em Estudos Literários (UFJF), mestre em Literatura Brasileira (CES/JF), especialista em Língua Portuguesa (UCB) e licenciada em Letras (UFJF). Possui experiência em Cursos de Graduação e Pós-graduação em Letras, ministrando aulas de Semântica, Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Teoria da Literatura. Instituição: Associação Educacional Dom Bosco. E-mail: ericacosta.duarte@aedb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6877-6110>

Cristina Novikoff

Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela PUC/SP (2006), Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro pela UERJ (2002), Especialista em Formação de Docentes para o Ensino Superior pela Universidade Gama Filho (2000), em Psicopedagogia na Educação pela Fundação Educacional Rosemar Pimentel (1998) e, em Ginástica Escolar pela Fundação Oswaldo Aranha (1993). É Graduada em Pedagogia pela Fundação Educacional Rosemar Pimentel (1990) e em Educação Física pelo Centro Universitário de Volta Redonda (1987). Instituição: Pontifícia Universidade Católica/Centro de Formação de Pessoal E-mail: cristina.novikoff@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4882-2866>

Marcus Vinícius Barbosa

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFRRJ). Mestre em Ciências Ambientais (Univassouras). Professor na Universidade de Vassouras, Campus Vassouras. Professor no Centro Universitário Geraldo di Biase, Campus Barra do Pirai e Volta Redonda. Avaliador do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASis)/ INEP. Edito-Gerente da Revista Valore Instituição: Universidade de Vassouras E-mail: marcus.barbosa1979@gmail.com Orcid: ORCID 0000-0003-0131-0257